

UM OLHAR ARGUMENTATIVO SOBRE O USO DA MODALIZAÇÃO AVALIATIVA NO GÊNERO CAPA DE REVISTA

Marcos Antônio da Silva¹
Géssika Cecília Carvalho da Silva²

RESUMO

Nosso objetivo, neste texto, é o de analisar a presença e o uso da modalização avaliativa em quatro capas de revistas diversas, a partir da perspectiva da semântica argumentativa, que percebe a língua como argumentativa por natureza. Assim, não estaremos preocupados com a questão da quantidade, mas tão somente com a qualidade, ou seja, o sentido e a função que determinadas palavras exercem nas capas selecionadas. Portanto, ressaltamos que nossa pesquisa tem caráter puramente analítico-descritiva. Depois de empreendidas as análises, é possível afirmar que é de extrema importância observar o funcionamento dessas estruturas modais no uso da linguagem e, mais do que isso, perceber como não devemos categorizar as palavras tão somente a partir de nomenclaturas apresentadas pelos manuais didáticos, pois, de alguma forma, essas nomenclaturas quase nunca refletem, de fato, o uso cotidiano e os sentidos que são, e que podem ser, dados a tais palavras.

Palavras-chave: Argumentação, Capas de revista, Modalização.

1. INTRODUÇÃO

É fato que nossos textos são produzidos com base em nossas intenções e que, para além disso, na própria estrutura linguística dos nossos discursos há estruturas que revelam a subjetividade do produtor do texto frente aos seus interlocutores. De forma mais incisiva, podemos dizer também que a questão da neutralidade em um texto é algo inexistente, pois sempre que falamos ou escrevemos nos posicionamos em relação a algum conteúdo.

Assim, diante dessas considerações iniciais, constitui nosso objetivo, neste artigo, apresentar uma análise dos elementos modalizadores, mais precisamente a modalização avaliativa, no gênero textual capa de revista. Ressaltamos que, inicialmente, trataremos da questão da Teoria na Argumentação na Língua, proposta por Ducrot e colaboradores (1988, 1994), pois, uma vez que essa teoria propõe que a língua

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: marco_sil2@hotmail.com.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora efetiva do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: gessika.silva@ifal.edu.br

é argumentativa por natureza e quando a utilizamos temos determinados objetivos e intenções, faz-se necessário discutir um pouco sobre essa questão, visto que a modalização pode ser entendida como um recurso argumentativo utilizado pelos falantes/produtores de textos.

Posteriormente, traremos alguns pontos sobre a Teoria da Modalização, baseados em estudiosos como Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989), Koch (2002) e Nascimento (2009). Salientamos, de início, que a Teoria da Modalização é apresentada como uma teoria que explica a forma como o falante deixa registrado aquilo que ele apresenta no seu enunciado, ou seja, o conteúdo proposicional e a forma como ele deseja que esse conteúdo seja apreendido, entendido e lido. Essa “vontade”, isto é, esta forma de subjetividade, é identificada por meio de marcas linguísticas deixadas pelo locutor no momento de proferimento do seu discurso. Assim, o locutor imprime a maneira como o seu discurso deve ser lido.

Assim sendo, a modalização pode ser percebida como um recurso argumentativo linguisticamente materializado. Após as análises do nosso objeto de estudo, apresentaremos algumas breves considerações a respeito da própria análise, do funcionamento real dos elementos observados, bem como a implicação de um ensino baseado em uma concepção tradicional/estruturalista de língua. Nossas análises têm caráter qualitativo, tendo em vista que não estaremos preocupados com a quantidade de ocorrência das modalizações.

2. A ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: PALAVRAS NECESSÁRIAS

A Teoria da Argumentação proposta por Ducrot (1988) e Ducrot e colaboradores (1994) percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato destes linguístas verificarem que na própria significação de determinados enunciados há orientações de natureza argumentativa.

De acordo com esse estudioso, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (1988, p.49). Para tal oposição, foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido. Assim, para Ducrot (1988), se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos.

A junção desses aspectos é considerada por esse autor como o valor argumentativo dos enunciados. Percebendo, pois, que em todas as esferas sociais precisamos expor nossas opiniões, argumentar, discutir sobre fatos do cotidiano, acrescentamos ao nosso estudo a contribuição de Espíndola (2004, p.13) ao afirmar que, não só a língua é argumentativa, como propunha Ducrot (1988), mas “[...] o uso também é argumentativo”.

Além disso, de acordo com Koch (2004, p. 17), “[...] a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Essa interação – ação verbal –, portanto, é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista, sobre o outro. Logo, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada.

De acordo ainda com Ducrot (1997), há na estrutura da língua elementos que constituem a ossatura interna dos enunciados. Por conseguinte, se pensarmos que esses elementos podem ser apontados como os adjetivos, os advérbios e os operadores argumentativos, podemos dizer que o uso desses elementos revela a subjetividade existente nos enunciados ou mesmo as intenções pensadas pelos locutores ao apresentarem seus enunciados, seus pontos de vista. Logo, é possível dizer que o fenômeno da modalização é, também, argumentativo.

3. SOBRE A MODALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

A Teoria da Modalização, também considerada como um fenômeno linguístico, sob o olhar de Castilho e Castilho (2002, p. 201), destaca que muito se tem indagado sobre “[...] a importância do modo na estruturação e na interpretação semântica das sentenças”.

Com base nas ponderações de Castilho e Castilho (2002), Nascimento (2009) e Koch (2006), teceremos, a seguir, algumas considerações a respeito da Teoria da Modalização. Nascimento (2009, p. 37), apoiado na releitura de outros autores, traz o seguinte conceito sobre a teoria da modalização:

[...] a teoria da modalização se apresenta como uma teoria que explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos e, portanto, imprime um modo como esse discurso deve ser lido. Depreendemos, a partir do conceito citado, que, em nossos eventos comunicativos, toda vez que queremos expressar nossa subjetividade, utilizamo-nos de alguns recursos com o

objetivo de fazer o interlocutor entender o sentido do texto proferido. A modalização é, portanto, “[...] uma estratégia argumentativa que se materializa linguisticamente” (NASCIMENTO, 2009, p. 38).

Dessa forma, modalizar é, por assim dizer, argumentar, é deixar claro como quero que a informação seja processada. Já de acordo com Castilho e Castilho (2002), a modalização põe em movimento diversos recursos linguísticos, como por exemplo:

(1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei muito, mas muito MESmo”; (2) os modos verbais; (3) os verbos auxiliares; como dever, poder, querer e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como achar, crer acreditar [...]; (4) adjetivos, sóis ou em expressões como “é possível”, “é claro”, “é desejável”; (5) advérbios como possivelmente, exatamente, obviamente etc; (6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como “na verdade”, “em realidade”, “por certo” etc. (2002, p. 202).

Por conseguinte, Neves (2000, p. 188), quando trata da modalização possibilitada por meio dos adjetivos, apresenta o seguinte exemplo: “Pareceu-me o meio mais simples de evitar uma possível crise na família”. De acordo com essa autora, o adjetivo “possível” indica a forma como o ouvinte deve entender o que está sendo apresentado pelo locutor, ou seja, esse elemento recai sobre a expressão “crise na família” e trata-se de um modalizador com valor epistêmico, algo que pode acontecer.

Os elementos linguísticos que materializam a modalização, ou seja, os modalizadores, são divididos, conforme Castilho e Castilho (2002) em três grupos: Modalização Epistêmica, Modalização Deontica e Modalização Afetiva.

Nascimento (2009), por sua vez, retoma essa classificação e a sistematiza da seguinte forma:

Modalização	Imprime no enunciado
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional.
Deontica	O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deontica.

Tipos de Modalização (NASCIMENTO, 2009, p. 47)

De forma mais explícita, porém concisa, teceremos algumas considerações a respeito dos já mencionados tipos de modalização.

Sobre a **modalização epistêmica** – esse tipo acontece quando se expressa uma avaliação a respeito do valor e condições de verdade das proposições. Além disso, esse

tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: a dos modalizadores **asseverativos**, dos **quase-asseverativos** e dos **delimitadores**.

Os modalizadores asseverativos são selecionados para apontar que o falante considera a proposição certa, verdadeira. Essa proposição apresentada pelo falante não deixa vestígios de dúvidas, seja ela uma afirmação ou uma negação. Portanto, ao se expressar, o falante imprime forte adesão ao conteúdo proposicional.

Dessa forma, da lista apresentada por Castilho e Castilho (2002, p. 206-207), citamos alguns afirmativos: *efetivamente, obviamente, absolutamente, verdadeiramente, indubitavelmente, claro, certo, lógico, pronto, sem dúvida etc.*

Os modalizadores quase-asseverativos, por sua vez, são selecionados quando o falante considera o conteúdo quase certo ou como uma possibilidade que espera ser confirmada ou não. Ao selecioná-los, o falante não se responsabiliza pelo valor de verdade ou de falsidade do conteúdo proposicional. Decorre, então, expressar uma baixa adesão à proposição.

Castilho e Castilho (op. cit., p. 207), listam os seguintes modalizadores quase asseverativos: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente.*

Já os modalizadores delimitadores, por outro lado, são selecionados para estabelecer limites dentro dos quais é possível considerar o conteúdo proposicional. Na lista dos delimitadores destacados por Castilho e Castilho (ibidem), identificam-se os seguintes delimitadores: *quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de + adj., geograficamente, biologicamente, historicamente, profissionalmente, pessoalmente.*

No tocante à modalização deôntica – esse tipo ocorre quando o falante se expressa considerando a obrigatoriedade do conteúdo proposicional, ou seja, o conteúdo deve, precisa ocorrer. Dessa forma, o objetivo do falante é atuar fortemente sobre o interlocutor. Entre os modalizadores deônticos que podem ser encontrados, quando ocorre a modalização deôntica, destacamos os seguintes: *obrigatoriamente, necessariamente etc.*

Já em relação à modalização avaliativa – como citado anteriormente, ocorre quando o falante usa modalizadores dessa natureza para expressar uma “[...] avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica” (NASCIMENTO, 2009, p. 47).

No entanto, ressaltamos que nos três tipos de modalização constata-se um julgamento do falante em função do(s) interlocutor(es). Os julgamentos podem ser sistematizados da seguinte forma: o deôntico - avalia a obrigatoriedade; o epistêmico - avalia a verdade; o avaliativo - todos os julgamentos que não são deônticos, tampouco epistêmicos.

A partir das reflexões feitas nesse embasamento teórico, como bem afirma Koch (2006, p. 65), “[...] fica patente que a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos”.

4. GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Em seus estudos sobre a questão dos gêneros discursivos, Bakhtin (2002, p. 279) postulou os gêneros discursivos enquanto “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”. No entanto, é importante destacar que a capa de revista é um texto multimodal, pois apresenta em sua constituição textos e imagens. Além disso, de certa forma, esse gênero deve ser visto como um texto temporal, considerando que tem uma função sempre de apresentar o seu texto principal referente a uma temática sobre determinado fato social. Assim, uma capa de revista lida hoje, no ano de 2021, mas que tenha sido produzida nos anos de 1980 talvez não surta o mesmo efeito bem como não cause o mesmo estranhamento ou a mesma compreensão da época de sua produção.

Além disso, é importante salientar, conforme apontamentos de outros estudiosos, como Marcuschi (2008), por exemplo, que os gêneros textuais estão presentes na sociedade como práticas sócio-históricas, compõem-se como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. Conforme ainda esse autor, são textos orais ou escritos solidificados em situações de comunicação decorrentes. E, naturalmente, assim são as charges.

A partir dos estudos postulados por Bakhtin (2002, p. 279), encontramos o ponto de partida para a discussão desta noção de gênero, pois, conforme o autor:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Qualquer enunciado

considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 279).

Sobre o gênero capa de revista, é importante destacar que tal gênero é carregado de empréstimos de outros enunciados, sejam verbais ou não verbais, que fazem mobilizar um conhecimento de mundo, e que o leitor precisa organizar tal conhecimento para construir sentido e, também, para reformular aquele já apreendido.

E, além desse ponto extremamente importante, vale ainda salientar que o objetivo principal da capa é destacar as informações (matéria(s) principal(is) da edição da revista) de maneira, naturalmente, persuasiva e/ou informativa, pois quanto mais persuasiva e atrativa for a capa da revista maior será a chance de se ter o produto vendido e, por conseguinte, que o leitor tenha curiosidade para realizar a leitura. Além disso, outros pontos são igualmente importantes e fazem parte da constituição da capa, como: o nome da revista, a editora responsável, a data de publicação, o número da edição, o site e o valor do exemplar.

5. ANÁLISES DO CORPUS

Conforme já mencionamos em momento anterior, serão analisadas aqui quatro capas de revistas de diferentes edições/versões. Nosso objetivo principal, também como já foi destacado, é observar como funcionam os modalizadores avaliativos nesse gênero discursivo. Ressaltamos que algumas informações precisam ser destacadas, aqui e agora, com o intuito de orientar o leitor quando da leitura de nossas análises.

Inicialmente, mesmo percebendo que o gênero em destaque tem um viés temporal, não nos deteremos em explicitar aqui as questões sobre a época em que tal texto foi publicado bem como não nos deteremos em explicitar a edição da revista ou outros fatos/dado que julgamos não ter tanta relevância para as nossas análises. Tal ação se justifique, naturalmente, pela questão do espaço que tal análise ocuparia.

Assim, iremos nos deter, mais precisamente, na análise da estrutura linguística da chamada principal da revista e, mais do que isso, nos elementos modalizadores avaliativos presentes nessas chamadas, que é, como já mencionamos anteriormente, nosso principal objetivo neste texto.

TEXTO 01:



Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=paginas&action=read&eid=282>. Acesso em 26/01/2021.

Quando da leitura da capa do texto 01, naturalmente, o leitor se vê diante de um material que irá tratar da questão do fundamentalismo dentro das religiões, mais especificamente dentro do islamismo. Essas informações estão presentes na capa da revista por meio da parte imagética e por meio da parte linguística.

Sobre esse segundo ponto, é importante destacar que duas palavras gritam aos olhos do leitor: cega e mortal.

Assim, podemos dizer que, de alguma forma, é assim que o responsável por esse texto assim percebe o fundamentalismo islâmico: como uma fé cega e morta. Ou, para além de sua percepção, o autor do texto usa tais expressões para denunciar como os praticantes dessa religião a percebe. E dessa mesma forma ele espera que o seu pretenso leitor assim também veja essa religião e, mais do que isso, que concorde com a sua opinião.

Dessa forma, temos dois adjetivos que funcionam como modalizadores avaliativos, que demonstram a subjetividade do produtor do texto e que, por assim ele entender, é compartilhada entre aqueles que têm esse mesmo tipo de opinião.

É possível perceber, logo no primeiro exemplo, que os adjetivos não servem tão somente para dar qualidade aos substantivos, mas para que o produtor do texto apresente sua subjetividade diante do texto que pretende expor aos seus pretensos leitores.

TEXTO 02:



Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2020/08/saiba-os-destaques-da-nova-edicao-da-revista-istoe/>.

Acesso em 26/01/2021.

Considerando os acontecimentos sociais que ocorrem no mundo todo e que, devido às redes sociais, têm tido imensa repercussão, a capa da revista estampa a foto de três jovens que de alguma forma, cada um dentro de seus limites de atuação, tiveram destaque mundial. Não entraremos aqui nos detalhes nem daremos nossas opiniões sobre o que achamos de cada uma dessas pessoas, pois entendemos não ser esse o papel do pesquisador. E, como já antecipado em outro momento, caberá a nós apenas analisar a parte linguística presente na capa da revista.

Dito isso, podemos observar que o adjetivo “transformadora”, imputado à palavra geração, na qual estão inseridas as três personalidades da capa, tem um valor de modalizador avaliativo, pois é assim que o produtor do texto percebe cada uma dessas três pessoas e, por isso mesmo, as reuniu em uma única imagem, com o objetivo não só de dar destaque, mas com o de avaliar a forma como essa geração vem se comportando diante dos fatos e dos acontecimentos vivenciados no mundo na nossa atualidade.

Assim como no primeiro exemplo, percebemos que o adjetivo, aquela classe gramatical ensinada nos livros didáticos e nas gramáticas escolas não funciona apenas como elemento caracterizador do substantivo, mas para trazer à tona imagens que revelam o posicionamento de alguém e, nesse caso, do produtor do texto.

TEXTO 03:



Disponível em: <https://www.elesbaonews.com/2020/11/revistas-semanais-destaques-de-capa-das.html>. Acesso em 26/01/2021.

Como podemos observar, a imagem é muito clara e faz uma intertextualidade imagética com o filme “Coringa”. Alguns adjetivos são usados para caracterizar uma realidade vivenciada pela população brasileira, no tocante à forma como o país vem sendo governado. Ressaltamos que não se trata aqui da nossa opinião, mas do que está exposto na capa da revista. E isso é fácil de se ler quando observamos adjetivos como “inconseqüente”, “irresponsável” e “insano” para demonstrar, de acordo com o produtor responsável pela capa da revista, a forma como o governante máximo do Brasil se comporta diante de uma pandemia.

Aqui, como nos outros casos analisados, temos a presença de adjetivos que foram usados com a função de modalizadores avaliativos e que, mais do que caracterizar um comportamento de um governante, apresenta a avaliação argumentativa por parte do responsável pelo texto. E, que fique claro, é assim que o produtor do texto quer que o texto seja lido.

TEXTO 04:



Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/camila-pitanga-e-a-capa-da-revista-clau_m1366612. Acesso em 26/01/2021.

Aqui, em uma revista destinada ao público feminino, temos a presença, por meio da imagem de uma mulher forte, bela e guerreira, de uma vencedora, de uma mulher poderosa, como a própria chamada da revista alerta.

Além disso, temos o adjetivo “feminino” caracterizando o substantivo “poder”, para dizer que não estamos falando de qualquer tipo de poder, mas de um poder específico. Algo que nos chamou a atenção e que talvez seja interessante destacar é que embora a revista seja destinada ao público feminino e naturalmente, ou culturalmente, a esse público sejam destinadas as cores rosa ou vermelha, temos a cor predominante o lilás. No nosso ponto de vista, esse poder feminino não teria a cor destinada, culturalmente, às mulheres, mas como forma de mostrar que as mulheres são poderosas, elas podem ser representadas por qualquer cor que elas assim desejarem.

Assim como nos outros exemplos da capas anteriores, temos a presença do adjetivo como marca linguística da modalização avaliativa, que busca, por meio do posicionamento do produtor da capa da revista, explicitar a subjetividade em relação a um determinado conteúdo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se importante assinalar, ao término do nosso texto e com base nas nossas análises, que muito além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, elementos como adjetivos, advérbios, e mesmo os verbos, são utilizados cotidianamente pelos indivíduos como uma forma de orientar os seus interlocutores – e, nesse caso, há sempre uma intenção para tal atitude – para a forma como se deseja que os textos sejam lidos.

Isso significa dizer, ainda, que um elemento como o adjetivo, por exemplo, exerce não apenas a função de caracterizar um substantivo, como é comumente apresentado nas gramáticas e nos livros didáticos, mas funcionam como modalizador avaliativo, como vimos nos exemplos das análises.

Para além disso, a noção de linguagem neutra cai por terra quando percebemos que todos os nossos discursos estão permeados de algum tipo de intencionalidade, pois como bem ressalta a Teoria da Argumentação na Língua, a língua é argumentativa por natureza.

Assim, um novo olhar sobre esses elementos aqui apontados, de alguma forma, possibilita que uma reflexão seja feita sobre o trabalho na sala de aula e o ensino de língua portuguesa, para que seja possível se trabalhar com velhos conteúdos a partir de uma nova perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Linguística: 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Polifonia y argumentación**: conferencias del seminário teoria de la argumentación y análisis del discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

KOCH, I.G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez: 2002.

NASCIMENTO, Erivaldo P. **Jogando com as vozes do outro**: argumentação na notícia jornalística. João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Maria Francisca de Oliveira. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. In: **Revista do GELNE**, Vol. 2, N.2, 2000.